

Presidente viaja até a China no 'Sucatão'

■ É um velho Boeing de 67, mas a FAB garante: será cumprida, sem sustos, a pauta que inclui o Conselho de Segurança da ONU

LEANDRO FORTES E
CRISTIANO ROMERO

BRASÍLIA — O Boeing 707 da Força Aérea Brasileira (FAB), fabricado em 1967, inicia hoje, às 10h, uma longa viagem de 62 horas e 30 minutos, para levar o presidente Fernando Henrique Cardoso à China — uma jornada que inclui escalas na Alemanha, Macau, Malásia e Espanha.

Conhecido, pelo tamanho e pela idade, por *Sucatão*, o 707 presidencial nunca levanta vôo sem antes reacender uma velha polêmica: um avião com 28 anos de operação não significa, pelo tempo de uso, um risco à segurança do presidente da República? O Ministério da Aeronáutica garante que não. E acrescenta: o governo só pode pensar em comprar novos exemplares do Boeing depois de pôr no ar as 150 aeronaves — de um total de 780 — que hoje estão paradas por escassez de peças de reposição.

“É preciso lembrar que não existe, nos quadros da FAB, nenhum piloto *kamikaze*”, afirma o brigadeiro Nelson Pinto, chefe do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (Cecomsaer), referindo-se aos pilotos suicidas utilizados pela Força Aérea do Japão, durante a Segunda Guerra.

“O avião é velho, mas os com-



Brasília — Jamil Bittar

O Boeing 707 tem 28 anos de operação, mas seus componentes não são velhos e a manutenção é rigorosa

ponentes, não. E a manutenção é rigorosa”, explica o oficial, ele mesmo ex-piloto de outro Boeing presidencial, o 737, nos governos Geisel e Figueiredo.

Apoio — Segurança à parte, o presidente vai aproveitar a viagem à China, Malásia e Espanha, para negociar o apoio desses países à participação do Brasil no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Diplomatas brasileiros consideram muito importante o apoio da China, porque esta é a única nação em desenvolvimento

com assento permanente no Conselho de Segurança.

O presidente assinará vários atos referentes a acordos de cooperação com a China, dos quais o mais importante é o da expansão do Programa China-Brasil de Satélites para Recursos Terrestres (CBERS). Por esse projeto, firmado em 1988 pelo então presidente José Sarney — a um custo total de US\$ 150 milhões —, já está previsto o lançamento, a partir de 97, de dois satélites de sensoriamento remoto para a identificação de recursos minerais, queimadas e desmatamentos.

A excursão presidencial servirá também para intensificar contatos comerciais. Duas missões de empresários brasileiros estarão participando de feiras industriais em Shanghai e na capital da Malásia, Kuala Lumpur.

Em Pequim, o presidente conhecerá a “joint-venture” da Brasmotor, a maior fábrica brasileira de geladeiras. Além disso, acompanhará os entendimentos para a construção de Três Gargantas, projeto da maior hidrelétrica do mundo, do qual empreiteiras brasileiras já se habilitaram para participar.